

O Cávado

10 DE FEVEREIRO DE 1977 — ANO XII — SÉRIE III — N.º 166
ASSINATURA ANUAL (52 Números) 150\$00 — NÚMERO AVULSO 3\$00

ESTRANGEIRO (pagamento adiantado): via normal, 384\$00; por avião, 440\$00. ESPANHA, ÁFRICA (ex-portuguesa) e BRASIL, 254\$00.

FUNDADO POR JOÃO AMÂNDIO
SEMÁNARIO — AVENÇA

PORTE
PAGO

São três pequenas observações...

Mons. Ancel, de quase oitenta anos, foi bispo auxiliar de Lyon, tendo resignado devido à idade. Para conhecer bem a psicologia do operário e o ambiente de trabalho e de classe do mesmo fez-se «padre operário». Deixou uma luminosa presença no mundo operário, não só pela sua adaptação ao meio, mas também porque se afamou com o pedalar da bicicleta na qual se dirigia, todas as manhãs, para a fábrica.

Mons. Ancel deu, recentemente, uma entrevista, na qual se refere ao povo português.

Achei oportuno arquivar as palavras de um homem inteligente, calmo e observador.

Eis as suas palavras: «O que me sensibiliza antes de mais nada é a «doçura» do temperamento português. Já o tinha notado no Brasil, mas não bem da mesma maneira. Há no Povo português uma riqueza imensa e eu gostaria efectivamente de a realçar. Em segundo lugar o facto de o Povo português ter vivido durante muito tempo sob um regime que o impedia de assumir as suas responsabilidades. Notei-o particularmente no meio operário e ainda mais no meio rural. Nessa altura — dizia a mim próprio: «este povo, qualquer que seja o seu valor e a sua inteligência, terá de passar alguns anos para encontrar uma situação que lhe permita ser totalmente ele mesmo». Em terceiro lugar tive a impressão de que, de quando em quando, existiam e existem vagas de desânimo face às dificuldades surgidas, quer no campo económico, quer no campo político. Mas ao mesmo tempo noto que, sempre que a situação se apresenta desesperada, uma nova esperança nasce. São três pequenas observações que eu faço com toda a simplicidade e apenas como impressões pessoais».

A «doçura» do povo português está bem expressa literariamente no lirismo dos seus poetas, e no lirismo das quadras populares, a negar a acusação que Miguel Unamuno faz ao povo português de «sanguinário».

O temperamento português, no decurso da História, foi de aventura, de valentia e de amor. Parece, no entanto, que após o «25 de Abril» o ódio veio à superfície — esperamos que não seja uma permanência duradoura — e tem revelado ao estrangeiro

(Continua na 7.ª pág.)

Mário Soares em digressão pelo Nordeste

O Cachão, obra de Camilo de Mendonça

O Cachão, o Ferro de Moncorvo, o fomento agrário e com certeza os retoques na «maquillage» no rosto do seu partido, estiveram presentes na agenda de trabalhos que Mário Soares, Costa Brás e Sousa Gomes levaram a efeito pelo Distrito de Bragança, nos passados dias 28 e 29 de Janeiro.

De Moncorvo a Mirandela, com passagem (alnda que de helicóptero...) por Macedo de Cavaleiros, Alfândega da Fé, Vale da Vilarça e demais terras bragançanas, incluindo a capital do distrito, o Primeiro Ministro pôde aperceber-se de quantas potencialidades económicas jazem ignoradas à espera do abre-te sésamo.

No Cabeço da Mua (Moncorvo), 600 milhões de toneladas de ferro, a maior reserva da Europa Ocidental, são o escândalo dum país dito em crise como o nosso. 600 milhões de toneladas, a céu descoberto, para cuja exploração apenas faltam umas dezenas de quilómetros de via férrea (da Linha do Douro a Vila Franca das Naves na Linha da Beira Alta) 600 milhões de toneladas em reserva (estratégica?) só num país doente como o nosso, um país de emigrantes, pedintes oficiais e revolucionários de meia tigela.

Mário Soares merece, no desencanto, as palmas dos seus próprios adversários políticos, como

aliás mereceu em muitas das afirmações que lhe ouvimos. Na balança das opiniões, o actual Primeiro Ministro ressalvou muito do seu passado recente, fatalmente conexo à descolonização e aos primeiros atropelos do Gonçalvismo. Nele encontramos agora o democrata, o europeu, o patriota realista, pois nada mais resta senão a reconciliação e o estugar do passo no sentido da Europa, voltando a página negra dos delírios psicopatas do «companheiro» Vasco e seus mentores. Para que aos cravos de Abril não suceda a fome ou mais fatidicamente a patorra de algum Átila. A reconciliação, o trabalho e também a justiça. O País tanto pertence aos cavadores do Nordeste como aos novos ricos da cintura industrial. Portugueses que somos, todos desejamos e relvindicamos ser filhos de matrimónio.

Ao Cachão chamou Mário Soares «obra gigantesca», «obra importante», polo de fomento em vias de Tevar impulso à lavoura regional. Que distância val de Mário Soares àqueles míopes que dão pelo nome de Esteves Belo, Capitão Bento, Manuel Ferreira e outros passeantes, cujos assentos baptismais esqueci por asco, porque todos eles se apostaram em destruir um investimento de um milhão

(Continua na 4.ª pág.)

Costa Verde-Galiza

Não é possível turismo com passaporte...

Reunidos na Póvoa de Varzim, delegados do turismo e autoridades luso-galaicas chegaram à conclusão de que se poderia encarar a dinamização turística da Costa Verde-Galiza (desde Espinho, compreendendo os distritos do Porto, Braga e Viana) contanto que se facilite ao máximo o trânsito entre Portugal e Espanha, acabando-se, portanto, com passaportes e salvo-condutos e se tenham os comércios abertos aos sábados e domingos.

O director-geral do turismo disse estar-se em vésperas de se celebrar um acordo turístico entre

Portugal e Espanha e que uma comissão adrede estudaria os pormenores duma acção conjunta para o aumento do turismo peninsular.

LAVOURA DO NORTE QUER PAGAMENTOS DE SUBSÍDIOS EM ATRASO DESDE 1975

Reunidos em número de muitos milhares em Cabeceiras de Basto, os lavradores aprovaram as seguintes conclusões:

1 — Constituir a Associação de Agricultores de Cabeceiras de Basto;

2 — Auxílios à lavoura do Norte e Centro, à semelhança do que tem sido feito no Alentejo.

3 — Estudo rápido para uma melhor exploração da terra, através de algumas formas de cooperativismo, melhores técnicas culturais, mecanização, fornecimento de sementes seleccionadas a baixos preços, facilidade de novos circuitos para escoamento dos produtos com eliminação de intermediários, etc.

4 — Assistência técnica eficiente e real com exame das causas do abandono de muitos terrenos que urge aproveitar.

5 — Fornecimento à lavoura de gados seleccionados e por preços razoáveis, com incremento da inseminação artificial.

6 — Exame rigoroso e permanente da qualidade das rações para animais e seu preço, bem como de adubos, fungicidas e insecticidas.

7 — Realização de cursos de podadores, enxertadores, fitossanidade, tractoristas, etc., nas diversas localidades e não apenas nas cidades.

8 — Incremento do ensino agrícola, sobretudo elementar e programar este ensino nas Escolas Primárias e sobretudo nos Ciclos Preparatórios.

9 — Apetrechar criando parques de máquinas, os organismos concelhios da lavoura com maquinaria e pessoal habilitado, para poder ser útil aos lavradores no combate rápido, eficiente e económico às pragas das culturas e árvores em especial agora nesta região à ferrugem da oliveira.

10 — Para evitar o êxodo exagerado dos campos, há que melhorar

(Continua na 7.ª pág.)

Exemplo reconfortante

Os trabalhadores da Firma Manuel Ribeiro Gomes — Hotel do Elevador e Grande Residencial Avenida — reuniram, há dias, para

abordarem assuntos da empresa. Registou-se a presença de todos os trabalhadores, a quem o sr. Manuel Ribeiro Gomes expôs, com a habitual franqueza e lealdade a situação financeira. Perante a difícil situação da Hotelaria, os trabalhadores aceitaram, por unanimidade e sem qualquer objecção, o reajustamento da Tabela Salarial.

Perante a compreensão dos seus colaboradores, o senhor Manuel Ribeiro Gomes agradeceu-lhes, dizendo que já a esperava, pois conhecia bem as qualidades de quantos com ele trabalham, assinando, a propósito, os que com ele já trabalham de há muito — os snrs. Manuel Rodrigues, Manuel Arlindo F. da Silva e Manuel Ar-

lindo dos Santos — pela maneira amigável e dedicada, que sempre manifestaram ao seu serviço.

O senhor Manuel Arlindo F. da Silva, um dos empregados mais antigos, da Firma, agradeceu, por todos, a formá amável e simpática como o sr. Gomes os trata, e formulou votos por que continue à frente da Firma para bem de todos e da Hotelaria, por muitos anos. Neste sentido prometeu ao sr. Gomes o apoio e a boa vontade de todos.

A reunião efectuou-se em amizade sincera, e findou em franca camaradagem.

Registamos o facto nas colunas do nosso jornal, porque constitui

(Continua na 2.ª pág.)

Porque seria?...

O Secretariado de Estado da Comunicação Social editou em francês o texto da Constituição da República Portuguesa.

Fazendo parte da mesma, o Preâmbulo, este não é inserto na tradução.

Porque seria?...

TRIBUNA LIVRE

As nótuas bairradinas e certa prosa

por M. Castelão

1. Em primeiro eis a nossa prosal É notória a expansão destas nótuas, nesta nossa região bairradina, através de O Cávado, onde este já conta muitos simpatizantes e assinantes. O seu lema, é informar bem os portugueses, onde quer se encontrem, com a verdade nua e creia.

Esta é a melhor bandeira de um semanário independente. O mais modesto dos colaboradores, somos nós... claro. Não dispomos de bagagem literária, nem de tempo para analisar os vários problemas que infestam, à priori, o nosso pobre e pequeno rincão nacional... e nem tão pouco saber o que se passa, nos bastidores, com as actividades dos arvorados em administradores de péssimas capacidades! Até porque estas andam, diariamente, em visita de rotina, ao estrangeiro... talvez, na mira de... como sabem governar por lá! Não admira! Nados e criados sob o signo «obscurantista» do Comunismo branco de Salazar... cá os temos todos bem alegres, (não o de Agueda) após a abrilada de 74, plenos de exclusiva liberdade democrática, a dispor do resto do ouro. Como este já não chega a nada, aí vem uns milhões de dólares para indemnizarem os latifundiários e outros credores, para que o T. dos D. do Homem e o M. Comum, «os admite» como tais. Calcule o leitor... o preço da nossa Independência nacional!

Sim, foi um bom castigo sem mão!... que eles contestaram no seu último Congresso!

2. Todo o mundo é seu!... e viva a democracia! É assim que M. S. pensa, sempre que alardeia vigor, coragem e... meias palavras para os adversários! No entanto, anda muito patético com a abundância das crises internas do partido que não pode tolerar nem perder os 50 anos dos progressos dos maíditos fascistas e gonçalvis-

tas!... Foi forçado a recorrer aos processos usados na órbita social marxista... quem não é por mim... é contral Evidentemente!

Com estas diatribes vai mais longe=ao difamar o fascismo, nazismo e gonçalvismo = difamou-se a si próprio, por não incluir a sua real colaboração, com os «ciganos provisórios» durante 74/75 — que ajudou «queimar...» ao colaborar

no reino gonçalvista, para desbravar o caminho, que agora trilha.

Valha-te Deus Inez...

3. O leitor já reparou ou pensou, que a maior parte das visitas políticas dos socialistas... só têm resultado em obterem alianças culturais «espifóricas», com os vários

(Continua na 4.ª pág.)

Sabia?...

Estrelas (de)cadentes: Amélia, Amália e outros ...

O Monumental encheu-se, em 31 de Janeiro último, para prestar homenagem aos diminuídos físicos dos Comandos.

Grandes nomes de ontem e de hoje ali estiveram. Apesar disso, o país desconheceu o que se passou, porquanto os nossos meios de comunicação estatizados ignoraram o acontecimento.

Foi preciso ler a imprensa da esquerda — como quase sempre — para saber o que se passou.

A raiva espreitou a medo disfarçada em fraseado que tenta ser ironia e não passa de lama viscosa... Assim houve quem chamou «estrelas (de)cadentes» a Amélia Rei Colaço, Mariana Rei Colaço, Laura Alves, Amália Rodrigues, Paulo Renato, Fernanda Leitão e tantos e tantos...

E tudo pelo simples motivo de serem portugueses... Se fossem russos...

Oh! estes «russos» de Portugal ...

Já que tanto lhes puxa para o sol radioso de Moscovo, porque não informam os leitores acerca do que por lá se passa: por exemplo, a perseguição aos intelectuais?

E porque não transcrevem a notícia de «New of the World», semanário britânico, segundo o qual 40 marinheiros soviéticos teriam sido agora metralhados, quando tentavam fugir do paraíso?

Claro que, em Moscovo, não é possível a simpatia pelos diminuídos físicos, pois a metralha os mata e, se os não mata, fisicamente, mata-os politicamente...

Batalhas portuguesas não têm interesse nacional...

Segundo «Linhas de Elvas», José Gabriel Viegas teria desculpado a RTP de não ter transmitido as comemorações, levadas a cabo naquela cidade a propósito da vitória alcançada pelos portugueses contra os castelhanos, alegando que o facto não tinha interesse nacional!

É lógico... Mas, então mude-se-lhe o nome: em vez de RTP, seja RTS (Rádio Televisão Soviética)...

As novas conquistas do Alentejo: morre aos 16 anos de aborto!...

Estes progressistas alentejanos são levados da breca. Primeiro foi ocupar os quartos do hospital de Évora, mandando os doentes para enfermarias gerais. Depois foi pretenderem que esses quartos ficassem ao serviço deles — trabalhadores... Os tais...

Paralelamente, essa coisa deliciosa, a tal Reforma Agrária ou ladroagem agrária...

Agora são as tais liberdades sexuais, em adolescentes.

(Continua na 4.ª pág.)

Comentários

Macau e Timor exigem que Portugal cumpra o seu dever ...

Ser português é hoje crime para certos responsáveis da tal descolonização exemplar. Referimo-nos ao continente. Em relação ao ex-ultramar, limitaram-se a empurrá-los para os braços dos comunistas.

Ainda hoje não perdoam a Macau que teime em continuar a ser portuguesa. A Timor obrigaram-no a refugiar-se na Indonésia para fugirem às garras da Fretilin. Entre comunistas e não-comunistas, preferiram os últimos.

O mal é que a Indonésia ocupou o território e não o larga. Surda às intervenções da ONU, instalou-se de vez ali.

Os timorenses radicados em Portugal deram conferência de imprensa sobre o assunto declarando: «Portugal continua vinculado às responsabilidades de promover a independência de Timor-Leste, como estipula o Direito Internacional. Portugal pode tomar iniciativas nesse sentido e nós aqui estamos a fazer com que o Governo ganhe coragem para negociar com a Indonésia sobre Timor.»

Segundo eles, a situação na ilha é catastrófica: não há um médico,

nem um comprimido. A cólera afaztra de dia para dia...

Que vergonha!...

Assistência judiciária aos trabalhadores em dificuldade económica

A Constituição estabelece que o acesso aos tribunais não pode estar dependente dos meios económicos do cidadão.

Partindo daí, o Ministério do Trabalho acaba de assegurar assistência judiciária aos trabalhadores em dificuldades económicas nos seguintes termos:

Presume-se haver insuficiência económica dos trabalhadores por conta de outrem nos seguintes casos:

— os rendimentos mensais provenientes do trabalho e livres de encargos legais serem iguais ou inferiores ao montante do salário mínimo nacional (excepto se houver outros rendimentos, próprios ou de pessoas a cargo, que no conjunto, ultrapassem o valor de cem contos anuais);

— verificarem-se as condições exigidas para a atribuição do subsídio de desemprego, ainda que expirado o período da respectiva concessão;

— encontrarem-se suspensos os contratos de trabalho, nos termos da lei, por força de impedimento prolongado não imputável ao trabalhador e desde que a suspensão implique perda de retribuição.

«Bombarato» quer sobreviver — 28 mil contos de prejuízo mas trabalhadores impõem-se

O supermercado «Bombarato» é protótipo de milhentos «bombaratos» do nosso pobre país de há tempos para cá.

Os patrões foram saneados; a autogestão substituiu-os. Em Setembro/76, regressaram.

Com 28 mil contos de dívida à Banca e à praça, decidiram salvar-se. Encerraram o supermercado de Campo de Ourique, regressaram ao de Mem Ramires e acabam de despedir 17 empregados no de Cacem.

A loja vende 800 contos e as prateleiras estão vazias... Banca e praça exigem garantias...

Os 17 trabalhadores despedidos recorreram ao Ministério do Trabalho. Os contactos, até agora, não chegaram a qualquer resultado.

LIVROS NOVOS

Repercussões europeias dos descobrimentos portugueses

A. Álvaro Dória

Historiador e ensaísta de topo, Alvaro Dória retomou um tema muito do seu agrado, apesar de envolver, nas actuais circunstâncias, um certo risco: o da zanga dos «russos» de Portugal... Na verdade, falar da epopeia dos nossos descobrimentos e da sua contribuição para a ciência, o comércio, o progresso do globo, numa época de «descolonização exemplar», é perigoso...

Ferido no seu amor próprio, ao ver que os estrangeiros destacam — nem sempre — a extraordinária façanha dos portugueses no século e meio dos seiscentos e os portugueses desconhecem, pela maior parte, o que foi esse contributo

em pró da civilização, o autor reúne nestas páginas meia dúzia de achegas, face às quais não há ignorância, que valha, ou anti-portuguesismo, que resista.

O autor anota sem cerimónia a ignorância ou o propósito dos estrangeiros ao referirem-se a invenções portuguesas, por exemplo, o nónio ou o primeiro aviador, o P. Guzmão, entre outros. Mas realça, também, as afirmações dos estranhos, quando sublinham com imenso júbilo e entusiasmo o esforço lusitano em pró da ciência e da humanidade.

Bem haja e continue a varrer sem piedade esta tropa fandanga de mediocridades...

Exemplo reconfortante

(Continuação da 1.ª pág.)

um exemplo reconfortante, numa hora em que quase só se registam conflitos e destruição de empresas válidas.

O sr. Manuel Ribeiro Gomes foi sempre, em toda a sua vida profissional, um empresário, nobre de sentimentos e de educação,

para quem os seus trabalhadores foram não só colaboradores, mas até uma família, a quem ofereceu, em todas as circunstâncias a ajuda da sua competência e o caminho da promoção.

Apraz-nos verificar que os anos de serviço na Firma deram ensejo a que essa família crescesse e se unisse, se possível, ainda mais.

GRUPO

TEXTIL MANUEL GONÇALVES S.A.R.L.

1937 1942 1947 1952 1957 1962 1967 1972
 1938 1943 1948 1953 1958 1963 1968 1973
 1939 1944 1949 1954 1959 1964 1969 1974
 1940 1945 1950 1955 1960 1965 1970 1975
 1941 1946 1951 1956 1961 1966 1971 1976

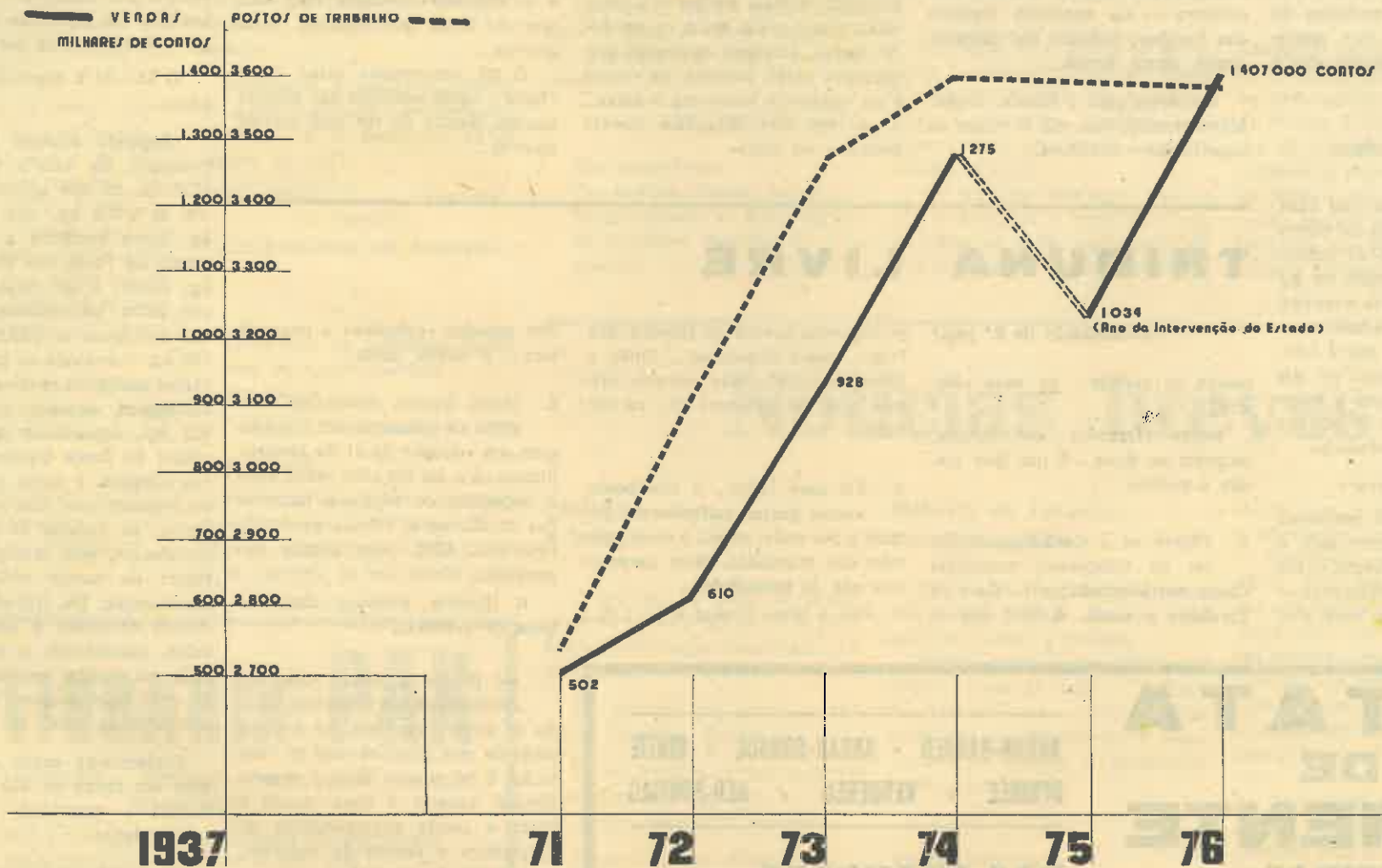
40

1937

Começamos há 40 anos com 6 postos de trabalho, 150 m² de área coberta e uma facturação de 70 contos.

1977

Com determinação, coragem e competência somos hoje uma empresa com 3 553 postos de trabalho, 143 259 m² de área coberta e uma facturação de 1 407 000 contos, dos quais 850 000 contos para exportação, garantia de grande prestígio internacional.



Com a mesma determinação, coragem e competência acreditamos no futuro.

Acabe com isso, sr. Primeiro Ministro!

Os «camaradas» da CECIL receberam descortosamente os membros do Governo, idos ali para inaugurar melhoramentos na empresa.

Um membro da comissão de trabalhadores permitiu-se dizer o seguinte:

«Não podemos deixar de reclamar, repetinios, como trabalhadores que somos e representamos, que só pelo facto dos camaradas nos visitarem neste período aliás significativo na transformação da companhia, se ocultem realidades, se mascarem situações, que são companheiras no dia a dia de quem nesta fábrica trabalha e habita».

E depois, dirigindo-se aos governantes ali presentes, declarou:

«Salbam, também, os camaradas como dirigentes dum partido de trabalhadores, que nós não apreciamos este tipo de cerimónias; elas fazem-nos lembrar situações que pensamos de todo em todo ultrapassadas».

«Não entendemos que se possa dispensar meio-dia de trabalho, quando o interesse dos trabalhadores é produzir. Não entendemos que esta inauguração da nova linha não tenha sido feita num contacto directo com os trabalhadores nos seus postos de trabalho. Não entendemos ainda que a visita dos membros do Governo tenha sido restringida à linha VIII, quando foi e é nas linhas de fabrico antigas que se encontram as piores condições de trabalho e sendo certo ainda que foi nelas que se criou uma parte da riqueza necessária, e instalação do oitavo forno, em condições de exploração capitalista que queremos ferozmente banidas deste país.»

Mário Soares respondeu:

«Porque entendo que não será, talvez, a melhor maneira de contribuir para uma situação de harmonia e de trabalho fecundo, de aumento da produção nesta empresa, aproveitar-se uma solenidade como a que estamos vivendo, que é feliz, para esta empresa, para vir dar alguns remos públicos à administração desta casa e a maneira como organizou esta cerimónia».

A prosseguir, observou:

«É evidente que os remos não foram para mim nem para o Governo, ao qual reconheceu — era melhor que não se reconhecesse — legitimidade democrática, mas sim,

se entendi as palavras que eram um pouco sibilinas e já do meu conhecimento, para a Administração por se ter realizado esta cerimónia com, salvo erro, a dispensa de meio-dia de trabalho, o que, no entender dos membros da CT, poderá ser grave para a produção.

Por mim, dispense toda a espécie de honraria. Não sou do género de cortar fitas nem sou do género de receber ramos de flores, como toda a gente sabe.

Mas, em relação a esta visita e às do passado, não há qualquer espécie de semelhanças com as do passado, até porque, no passado, não me consta que houvesse comissões de trabalhadores e se por acaso falasse um trabalhador não me consta que ele fosse capaz de usar a linguagem que aqui foi usada».

Finalmente, mais uma vez,

a ameaça de sempre:

«A Extrema-Direita espreita»...

Como argumento definitivo, o Primeiro Ministro lançou a ameaça de sempre, a mesma que as mães fazem aos pequenos, quando renitentes: «Olha que vem aí o polícia». Só que, desta feita, os «camaradas» devem estar-se nas tintas para ameaças desse género.

Uma coisa é certa: tem de acabar, dum vez por todas, o tutear, fastidioso e revoltante, como se o Primeiro Ministro — ou qualquer ministro — no exercício legítimo das funções, pudesse ser desautorizado desta forma.

Mande-os para a Rússia, Doutor Mário Soares. Que vão lá tutear os «camaradas» ministros...

Função Pública, apesar da decisão da AR, vai para a greve!

Outro ponto que o governo terá de aclarar — e com factos — proibindo-os em absoluto: depois de uma medida sua ter sido referendada pela Assembleia da República, ainda está sujeita a greves?

Assim o decidiu em reunião adrede, onde ficou assente promover «uma grande jornada de luta e levar a efeito no próximo dia 15 sob a forma de paralisação geral, que nalguns sectores vitais poderá assumir aspectos diferentes a especificar oportunamente».

Esta atitude, que «constituirá um sério aviso», terá, ainda, a finalidade de exigir «o início imediato de negociações relativas à reestruturação de carreiras e a uma revisão salarial cuja verba deverá ser contemplada no Orçamento suplementar, em Junho».

Pescadores portugueses parados; russos e espanhóis levam-lhes — levam-nos... — o peixe...

Pescadores de Aveiro decidiram dizer «Não» à greve em curso um pouco por toda a parte por causa do navio «Goraz». Já, antes, haviam manifestado o seu repúdio ao homem do sindicato, que tentava aliciá-los para a dita greve. Se não foge, hum!...

Isto também tem de acabar, sr. Primeiro Ministro! E não só por se atacar de frente uma medida do governo; também porque é a população quem mais sofre e, no fim de contas, enquanto os barcos portugueses estão parados, os russos e os espanhóis levam-nos o peixe... — e nem nos respeitam quando andamos no mar!...

TRIBUNA LIVRE

(Continuação da 2.ª pág.)

países da cortina... de seda plástica?

Muito atrasados, em cultura, estavam os ditos... É por isso que não o somos!

4. Olhem se o Cunhal podia falar ao Congresso comunista russo, em Moçambique?! ...Com os parabéns a você... é fácil que os

portugueses presos no Maputo, dos Putos, sejam libertados!... Então o Neto Angolano... não merecia prémio igual ao Delgado? Oh, se merecer!

5. Foi bem feito!... a Checoslováquia destes mafarricos!... Por tudo e por nada, meteu o nariz onde não são chamados. Nem parecem que são da Irmandade!...

Pois a firma Cunhal e C.ª Lda...

Mário Soares em digressão pelo Nordeste

(Continuação da 1.ª pág.)

de contos, como destruíam de norte a sul pão e suor de muitos portugueses, a embaixada de Espanha, etc. etc... como bêbados de mau íntimo que espatifaram a mesa que lhes matou a fome.

Cachão, barragens, cooperativas com o seu vasto programa coordenador em ordem à modernização da agricultura, para que o resto dos Nordestinos possa resistir ao fascínio da emigração, pese que não pese ao actual governo socialista, devem-se, diremos quase exclusivamente, a dez anos de trabalho forçado e gratuito do Eng.º Camilo de Mendonça, que para isso se antecipou ao tempo, que por isso arrostou a crítica dos beócios anteriores e posteriores ao 25 de Abril, dum e doutro lado da barricada.

Mário Soares, seus ministros e secretários, a bem dos trabalhadores, da lavoura e de si próprios, não vieram ao Cachão repetir os estafados e sofismados chavões que perfizeram a substância ideológica do MDP CDE. Já estamos felizmente a léguas desse tempo. Todavia, justiça é justiça, não deu o seu a seu dono. «Obra gigantesca», e mais ainda obra de sonho pessoal, erecta contra o sabor da maré, sem quaisquer meios caídos do céu, nunca na vida se faz sem o esforço

dum gigante. O seu a seu dono que não só o silêncio, pois da justiça se tece o delicado tecido da reconciliação. Ou então adeus, meu Portugal democrático.

A. C. B.

Bento Moreno (Francisco Moreira de Queirós)

vai ser homenageado nos Arcos

O Eng. Henrique de Barros, Ministro Adjunto da Presidência e o Secretário de Estado da Cultura, Dr. David Mourão Ferreira, estarão presentes nos Arcos de Valdevez, no dia 12, para a inauguração do busto de Bento Moreno, o excelente escritor, natural dos Arcos, que foi o primeiro Presidente da Academia de Ciências.

As cerimónias prolongam-se até ao dia 17, estando prevista uma exposição de pintura a cargo de António Alves e Araújo Soares.

Entretanto, para finalizar a homenagem ao distinto arcuense, o Coral do Conservatório de Música de Braga dará um concerto.

Sabia?...

(Continuação da 2.ª pág.)

Mariana, era o seu nome. Aluna do 6.º ano em Elvas. Viva, grande simpática em redor de si.

Tu-cá-tu-lá com psendo-namorado (casado em Lisboa...) engravidou. Perante o facto, acompanhada do dito foi à «especialista» de Évora. A coisa não correu bem e a «parteira» meteu-a num taxi que a levou ao hospital, onde morreu...

O tal «namorado» actua numa «Boite», agora instalada por aquelas bandas, depois de ter sido corrida doutros...

Que ideia: foram «só» 450 kg. apodrecidos...

Jornal alfacinha denunciou suposto crime de Beja e Setúbal, nas tais herdades agora tão bem geridas, como jamais foram em tempos dos latifundiários... Teriam sido 11 toneladas de batata, destruídas por culpa dos agrários da herdade da Amendoeira, anexa à UCP «Freguesia de Medos».

O MA dá a seguinte versão do caso:

«Segundo aqueles técnicos, a produção de batata na referida UCP foi, no ano agrícola de 1975-76, de 9.600 kg., dos quais 9.000 kg. foram vendidos a um comerciante do Porto. Os restantes 600 kg. vieram a ser negociados com um outro comerciante, de Beja, que entretanto só adquiriu e pagou 150 kg. Atendendo ao compromisso verbal assumido resolveram os trabalhadores ensacar os restantes 450 kg., aguardando que o comprador os fosse buscar. Como tal não sucedeu, e como as condições de armazenagem não eram as melhores, as batatas encontravam-se putrefactas, sem qualquer possibilidade de serem utilizadas para alimentação. Os trabalhadores viram-se obrigados a desfazerem-se delas, lamentando a sua ingenuidade em realizar contratos de venda, sem estabelecerem um adiantamento como sinal de compra.

Esclarece-se assim, que se estima em cerca de 450 kg. (e não 11.000) a quantidade de batatas inutilizadas.»

Claro que, em iniciativa privada, isto era impossível. Ou, a acontecer, os culpados seriam punidos. Em herdades «tuas», Zé, é isto: nada lhes acontece. Pelo contrário, o MA limita-se a chorar com eles a infelicidade de não saberem como deveriam ter actuado...

Até quando?

tem grandes «relações» a pagar lá fora... à nossa custa!...

6. Mário Soares, depois de meia dúzia de palavras, em homenagem aos «vivaços do 31 de Janeiro» litimou-se a dar um viva, muito seco à República de 1910... e morra o Rei D. Carlos e Filho... no 1.º de Fevereiro, 1908, nem sequer um gemido!...

A História, continua cheia de teias de aranha!...

7. Há já uns 3 meses, que, um destrambelhado motorista, saindo da estrada nacional, foi destruir parte de uma pequena casa de habitação. E há poucos dias, o seguro, mandou reparar o dano, sendo a porta e janela encomendadas ao Carpinteiro e depois de assentes, este exigiu 10 contos!...

Mas o melhor expediente do contraponto, foi colocar um letreiro na porta com o preço!... E, ao sabê-lo, o letreiro foi arrancado... por um preço, muito inferior, de... 3 500\$00. Abençoado letreiro... Contra a exploração do homem da enxó e do martelo!... Irral!... O resto virá.

BATATA DE SEMENTE

ESTRANGEIRAS E NACIONAIS

Para entrega imediata

Rodrigo da Costa Gomes Lda.

Rua D. Frei Caetano Brandão, 15

ARRAN-BANNER • ARRAN-CONSUL • BINTJE
DESIRÉE • KENNEBEC • RED-PONTIAC

DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS

Descontos a Grémios e Revendedores

Telefone 2 25 57

BRAGA

CONTRASTES O Rito Bracarense

Em Plena crise económica

O Rolls Royce bateu todos os seus recordes, ao exportar 2.239 carros nos nove primeiros meses do ano de 1976, quando em 1975 vendera 2.110; em Itália, 55 em vez de 45; na França, 60.

Inglêses e americanos foram os maiores clientes, pois compraram mais 1.200 Rolls Royce do que em 1975.

Entre Espanhóis

O Partido Comunista espanhol defende a «democracia». Uma revista espanhola faz a seguinte apreciação: «Para Berlinguer trata-se do «bloco histórico»; para Marchais, do «programa comum» e para Santiago Carrillo não se poderá tratar de outra coisa quando tiver conseguido aquilo que é um direito de todos os partidos: a legalidade.

Na Suécia

Fala-se muito na Suécia de baixo de todos os aspectos. E tem havido grandes confusões.

Na Suécia há o bom e o mau, o positivo e o negativo, como em toda a parte. Convirá, no entanto, ver os dois lados.

Elementos positivos:

— **A solidão.** O sueco não tem medo de ficar só. Tem as «stugas» pequenitas, de madeira, perdidas no bosque ou nas margens de um lago, cercadas do silêncio, onde os suecos passam o «week-end» com a mulher e os filhos pequenos;

— **A veracidade.** Até são sinceros nas declarações fiscais. Cultivam a verdade;

— **A educação.** O sueco é membro da «civis» do nascimento à morte. Paga impostos que vão de 25 por cento a 80 das receitas, mas a educação dos filhos, a assistência médico-farmacêutica, os empréstimos do Estado para a construção da casa, a reforma aos 65 anos com 80 por cento das receitas totais correm a cargo da comunidade; e

— **O trabalho.** Todos trabalham. Elas e eles. E as mulheres suecas ainda arranjam tempo para ter as casas muito limpas.

Elementos negativos:

— **A ausência de Deus.** A maior parte dos suecos desconhece a ideia de Deus;

— **O alcoolismo.** Todos bebem álcool: homens e mulheres. Fazem-no paulatinamente, e, quando desejam levantar-se já não o podem fazer. As visitas acabam, bebendo-se a última gota de álcool. Lembremos que as bebidas alcoólicas são caríssimas;

— **O divórcio.** O divórcio está muito facilitado. Quando os filhos são crescidos separam-se dos pais e vivem a sua vida, embora nem

todos procedam da mesma forma. O número dos que adoptam uma vida livre é elevado;

— **Unões não matrimoniais:** Aumentam de dia para dia.

Na Suécia onde a vida económica é elevada e as crenças religiosas não existem, o problema é o que apontamos, e oferece motivo de profunda meditação.

(Continua na 7.ª pág.)

A Assembleia da República e a Embaixada da República Socialista da Checoslováquia

Entre a Assembleia da República e a Embaixada da Checoslováquia em Lisboa trocaram-se os seguintes documentos que os nossos leitores gostarão de conhecer.

Senhor Embaixador da Checoslováquia

Excelência:

Tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência o voto de protesto e de pesar, aprovado pelo Plenário da Assembleia da República, em 18 do corrente, e que seguidamente se transcreve:

«A Assembleia da República protesta, contra o sistema que conduziu à prisão do Dr. JIRJ HAJECK e de outros socialistas e democratas, reclama a sua libertação e encarrega o Presidente da Assembleia da República de expressar, junto da Embaixada da Checoslováquia, o seu protesto e o seu pesar.»

Apresento a Vossa Excelência os meus melhores cumprimentos. Palácio de S. Bento, em 24 de Janeiro de 1977.

Pe'l'O Presidente da Assembleia da República,
(Vice-Presidente em Exercício)

Embaixada da República Socialista da Checoslováquia em Lisboa

Lisboa, 28 de Janeiro de 1977

Excelência,

Tenho a honra de devolver, como inaceitável, a Vossa Excelência a carta Ofício n.º 39/77 de 24 do corrente (a qual recebi hoje)

refutando o protesto da Assembleia da República Portuguesa que se baseia em informações incorretas (o que testemunha também o facto de que o Sr. Dr. Jirj Hájek não foi detido e não está na prisão) e que significa uma ingerência inadmissível nos assuntos internos do meu País e está numa contradição flagrante com o conteúdo e espírito da Acto Final da Conferência sobre a Segurança e Cooperação na Europa assinado em Helsínquia no dia 1 de Agosto de 1975. A República Socialista da Checoslováquia é um estado de direito, todas as suas autoridades actuam de acordo com a Constituição e com as outras leis vigentes e estão em plena harmonia com os Pactos Internacionais sobre os Direitos do Homem que a Checoslováquia ratificou.

Aproveito esta oportunidade para reiterar a Vossa Excelência os protestos da minha consideração.

(Eng. Mígoslav Hruza)

Sua Excelência
Dr. António Duarte Arnaut
Vice-presidente da Assembleia da República Portuguesa
LISBOA

Enquanto não chega a Quaresma

A Reforma Litúrgica, 10 anos volvidos, limita-se à concelebração e ao uso rotineiro e diário da 2.ª anáfora, por ser mais pequena e levar menos tempo a dizer. Os grandes propósitos da Reforma ficaram pelo caminho.

Um deles pretendeu-se, com a reforma, levar o Povo de Deus a contactar com a Bíblia. Clérigos e leigos deveriam reflectir sobre a maneira de aplicar essa palavra revelada ao dia a dia, ao «aqui» e «agora».

Os grandes problemas de hoje, sexo, violência, aborto, guerras, fome, perseguições, enfim tudo quanto aflige e atormenta a humanidade deveria ser tema das homilias e das reflexões em conjunto dos cristãos.

É isso o que sucede?

Que nos pode oferecer, aqui e agora, o próximo domingo?

A Sexagésima nasceu no Oriente, dali se transferindo para o ocidente, desde muito cedo, séc. V. De certo, como tantas outras, através de Milão, Leão e Gálias. Braga recebeu-a daí. O texto do breviário é primitivo: as lições referem-se a Noé, que os responsáveis glosam

e comentam. O evangelho é a parábola do sementeiro.

A partir daí, o texto vira súplica a Deus, arrependimento, e glosa ou comentário da parábola: «A semente caiu em terra úbera e a semente frutificou ora a 80 ora a 100 por um» (antífona de Terça).

Que interessa a parábola para os nossos dias? Se vímos os problemas de hoje — greves, absentismo, violência, custo de vida, fome, desemprego, guerra, miséria, etc. — à luz dela, aí encontraremos a solução.

O aumento de 15% para os funcionários públicos, tornando maior a distância entre os irmãos, é legítima? É a melhor?

O aumento do pão, se vier a dar-se, de \$60 para \$100, é de aconselhar? Não haveria outras soluções? Não são os humildes quem mais sofre?

«Salu o sementeiro a lançar a semente à terra». Ora o Sementeiro ensina: «Tive fome e deste-me de comer»...

A fome mata-se encarecendo o pão? É ver Cristo nos homens?

A. Luís Vaz

VIANA

Depois do Dia do Sarrabulho, o do Bacalhau

Autêntico êxito o Dia do Sarrabulho, no último domingo, em Viana. A cidade esplendia sob o sol radioso e multidões acudiram para gozar o dia e saborear a excelente cozinha regional.

No próximo domingo, será o Dia do Bacalhau, à moda de Viana. Na parte de tarde, realizam-se várias exposições: de antiguidades e

artesanato no Hotel de Santa Luzia, de Cerâmica no Hotel Afonso III, de numismática e filatelia no Hotel do Parque, e de fotografia nos Paços do Concelho da cidade, mantendo-se os referidos locais abertos ao público até ao último dia de festa. Haverá ainda, na Avenida Marginal, um pequeno festival de ranchos folclóricos da região.

Notícias breves

Fascismo e bruxas ...

O homem, ao longo do tempo, inventou mitos e tabus. Os deuses: fontes, relâmpagos, serpentes... Os lobishomens. As bruxas...

Em política de agora, é fascismo. Reacção. Direita.

PS no Porto está em risco de abrir brecha? Campinos, o dedo em riste: «Vem aí a reacção!»

Assembleia da República discorda do PS não aprovando o aumento dos 15%? Saigado Zenha ameaça: «Vem aí a reacção».

CECIL diz coisas. Mário Soares acode: «A Direita está à espera».

Só que, deste modo, o custo de vida não pára, a violência continua. O caos ameaça-nos.

Pinheiro de Azevedo, mais um partido ...

Não bastava a inflação no sentido estrito, ainda teremos que aguentar outra: a política.

Já os actuais fazem barulho de sobra e vem aí mais... Pinheiro de Azevedo, com efeito, apolado pelos que o candidataram à presidência, irá chefiar o Movimento Democrático Social.

Vasco Lourenço contra o governo ou os políticos?

Interrogado ultimamente sobre o momento político, o governador militar de Lisboa referiu-se vagamente à necessidade de arrancar de vez na reconstrução nacional. Solicitado a pormenorizar os

meios para o arranque, limitou-se a afirmações muito vagas:

«Implicará soluções que até agora, pelo menos, ainda não se viu pôr em prática. Não me pergunte quais são. Não é a mim que me compete dizer. Não quero introduzir-me em terreno alheio. O que digo é que ou se faz qualquer coisa se se arranca ou o tempo não pode continuar a passar neste viver. Dá-me a sensação de que há um bocado de abstencionismo e que os cidadãos não se aperceberam bem da situação nacional. Tem de haver de facto uma mobilização de todas as forças nacionais.»

A quem se destina a carapuça? Ao governo? A Assembleia da República? Ao povo português?

Mas não seria preferível silenciar a dar ensejo a comentários,

(Continua na 7.ª pág.)



LIVRARIA PAX

LIVROS . IMPRESSOS . POSTERS . GRAVURAS . DISCOS
NOVIDADES

REPARAÇÃO E LIMPEZA DE MAQUINAS DE ESCREVER,
REGISTADORAS, CONTABILIDADE, ETC.

SECÇÃO INFANTIL:

MODERNO SORTIDO DE JOGOS DIDÁCTICOS E EDUCATIVOS .
CONSTRUÇÕES . LIVROS . DISCOS . BRINQUEDOS . NOVIDADES

TIPOGRAFIA — ENCADERNAÇÃO

UMA ORGANIZAÇÃO RENOVADA AO SERVIÇO DA CULTURA

Rua do Souto, 75 — Telefone PPC 22604 — BRAGA

Esposende, chegou a hora?

Continua a Vila de Esposende esperando ser arrancada da inércia em que a lançaram, entregue ao acaso, sem uma linha definida a apontar-lhe uma nova caminhada.

Creio que a hora é de Esperança, e que novos rumos se vislumbram no horizonte para a NAU Esposender-se, já que os Homens parecem querer dar as mãos uns aos outros, independentemente, das concepções ideológicas, procurando, somente, colaborar num esforço colectivo, onde os interesses da Terra suplantem os particulares interesses. O Povo que todos somos, espera factos, realidades, obras, já que o tempo começa a saturar os que mais acreditam num Portugal mais justo para todos os seus filhos.

Com a posse da nova Administração Municipal, todos esperam melhores dias para as Terras de

Suave Mar, se chamando a si os mais aptos e hábeis, e trabalhando em conjunto com dinamismo e vontade, os timoneiros da vida concelebraria soberem e puderem congregam pessoas e vontades.

Apesar de ser uma região pobre, Esposende tem potencialidades na Pesca, Agricultura e Turismo que, devidamente exploradas, modificarão radicalmente, para melhor, a vida das suas gentes.

Creio que há em Esposende pessoas capazes de colaborar nessa recuperação, se porventura houver lealdade, compreensão e vontade de servir.

A Hora é de avançar para melhores dias com TRABALHO, PERSISTÊNCIA E AMOR À CAUSA.

OS DADOS ESTÃO LANÇADOS.

MAGOR

POSTAL DOS AÇORES

Outra vez, actos de violência na cidade de Ponta Delgada (S. Miguel)!

No dia 21 deste frio mês de Janeiro, Rádio Club de Angra, Professor Regional dos Açores e R.T.P.-Açores (os que escutei) noticiaram o rebentamento de bombas (27) feitas por amadores, na cidade da maior e mais populosa ilha açoreana (mais de metade da população do Arquipélago). Acrescentaram ter havido concentração de populares junto do Palácio residencial do Sr. General Galvão de Figueiredo, Ministro da República...

As bombas para fazerem estrondos... e o ajuntamento para protestar, junto do referido Ministro, contra o novo aumento do custo da gasolina, que acalmou os «protestantes»...

No meio daquela barulheira houve «slogans» separatistas!...

Como é óbvio, os governantes e partidos protestaram contra todas as formas de violência e deram o seu apoio ao Sr. General Galvão de Figueiredo.

Os ordenados e salários chorudos geraram muitos socialistas burgueses, neocapitalistas, daí a

crescente importação de veículos automóveis, em ritmo acelerado.

Como é lógico, não é aos separatistas, em especial, também «crismados» de «fascistas» a quem a careza da gasolina mais afecta.

Não custa compreender, por isso, que, com vantagem política, houvesse quem gritasse «slogans» separatistas sem o ser e só para chatear (passe o plebeísmo) ou desferir, depois disso, punhaladas nos «fascistas»... «reaccionários», «separatistas», etc., reconhecidamente avessos à alienação destas ilhas ao imperialismo soviético ou a qualquer outro, por isso que a sua aniquilação ainda não deixou de interessar...

*

Outro aspecto da questão, a avaliar pelas recriminações que se ouvem, é o facto de pensar-se que a Autonomia é minimizada pelo Poder Central através do seu Ministério nos Açores.

Pelo que tem sido proporcionado

saber-se, o Sr. Ministro da República goza de gerais simpatias nas ilhas que já visitou e onde pôde ter contactos com as suas gentes, cujas andanças lhe têm facultado conhecimentos sobre as carências locais, mostrando-se interessado na solução dos respectivos problemas. Daí que muitas coisas sejam encaminhadas para ele... com eclipse do Governo Autónomo!...

Por outro lado, uma Assembleia Regional prenhe de deputados (admite-se lá que, p. e. uma ilha de seis mil habitantes tenha três deputados?) muitos deles ignorando os problemas locais, e por isso inoperantes, na prática. Todavia, estragando o tempo em pugnas partidárias!... anti-açorianas!...

Ora, o Povo Açoriano consciente e politizado — porque se lhe mete pelos olhos dentro — vê que a sua Autonomia, se o é, nasceu tutelada!

Que ninguém estranhe que se façam comentários azedos à realidade dos factos.

Afinal, onde estará a causa do descontentamento?

Será só no monstroso custo da insularidade, gemendo carências de toda a espécie ou também porque não tomam a «Autonomia» a sério, considerando-a um domínio carnavalesco?!

E é ver como os jornais estatizados (quanto ganha um jornalista?) troçam do Povo Açoriano sempre que se lhes afigura uma oportunidade. Claro que não serão todos os jornais... mas, quais estão sempre prontos a defender o Povo Açoriano, o autêntico, o que não quer ser alienado a qualquer imperialismo e muito menos ao soviético, pois que para a URSS os açorianos não emigram?!

Ilha Graciosa, 26-1-1977

L. de Almeida Castelão

Notícias várias

Garantido o preço da batata e da pera em 77

Prevê-se abundância de batata na próxima colheita, assim como de pera. Para obstar aos graves prejuízos que advêm para a lavoura em anos de abundância, a Junta Nacional de Frutas decidiu fixar o preço desde já.

Até que enfim... Mas fixará mesmo?

Assembleia da República com a porta na cara...

A Assembleia da República enviou um protesto ao embaixador de Praga contra a prisão de vários intelectuais tchecos presos num grupo de 200 que se opuseram aos ataques às liberdades naquele país.

Segundo o representante tcheco em Lisboa, a atitude da Assembleia da República «significa uma ingerência inadmissível nos assuntos internos do meu país e está numa contradição flagrante com o conteúdo e espírito do acto final da Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa».

E quando são eles a intervir como por exemplo, no Chile ou no Brasil?

Os direitos humanos são de responsabilidade nacional ou internacional?

Mas é bem feito aos progressistas de cá, muito apavorados, quando várias organizações, que proliferam por esse mundo além, pretendem imiscuir-se nos nossos assuntos. V. g. Otelo, entre outros.

É verdade, ó Zé, onde estão esses meninos da Paz, que agora não protestam contra o que se passa na URSS e na Tchecoslováquia?

Viana, Câmara Municipal: 1.000 assinaturas/dia!...

Sua Magestade a Burocracia é tentacular e viscosa. Agarra-se, emperra e não deixa trabalhar.

Ora vejam, o presidente da Câmara de Viana está na disposição de atender, em primeiro lugar, aos verdadeiros problemas de fundo da cidade em vez de se cansar na inutilidade de assinar 1.000 documentos por dia!...

Entre esses problemas, destacam-se para já: dezenas de casas prefabricadas, que vão ser distribuídas pelas freguesias afim de acolher retornados e outros; localização dos terrenos onde se poderá futuramente edificar para habitação, para comércio, para indústria; finalmente o turismo será programado a nível distrital, por forma a saber-se quando e onde há romarias e feiras e tudo o mais que interesse de verdade ao Alto Minho neste capítulo.

Será desta vez que a lavoura arranca em Braga?

Edwin J. Wellhausen, da Fundação Rockefeller, esteve em Braga, na Estação Agrária, para estudar *in loco* as possibilidades do aumento da produção do milho híbrido.

Em contacto com os responsáveis, veio a saber que existe um programa detalhado, do que se

pode fazer neste capítulo, mas sem possibilidade até agora devido à aridez do solo, ao fraco poder financeiro dos lavradores, não há crédito agrícola e não está estabelecido o preço do milho antes da produção.

Tudo parece encaminhar-se com vista a resolver esses óbices, de modo a que a cultura do híbrido aumente espectacularmente.

Tito de Moraes estuda a crise industrial

Visitou Braga para estudar a crise industrial o Secretário de Estado da População e Emprego, que contactou com diversas personalidades, nomeadamente autoridades e GCOM (Gabinete Coordenador de Obras Municipais).

De imediato, não se prevê solução espectacular, salvo para o GCOM, que pode vir a transformar-se em dinamizador eficaz do progresso local.

Virá a propósito referir que, em 76, dos 2 milhões e não sei quantas centenas de milho de contos, distribuídos pelas Câmaras para obras públicas, 2 milhões retornaram a Lisboa sem terem sido gastos!...

Com este «entusiasmo», nada se pode fazer...

Além dos contactos, o Secretário de Estado efectuou diversas visitas nada tendo resolvido em concreto, apenas referindo que, em certos casos, as actuais indústrias terão que ser substituídas por outras rentáveis. Está neste caso, a Têxtil de Canelos com 900 operários.

No 13.º aniversário da posse do Senhor Arcebispo Primaz

Por iniciativa do Cabido, teve lugar, na catedral, no dia 2 de Fevereiro, solene celebração pelas intenções do Exmo. Prelado, pois ocorria o 13.º aniversário da sua posse como arcebispo de Braga.

Presidiu o homenageado, que, ao evangelho, concretizou as suas intenções. O sr. Cónego Dr. Adão Faria fez a homília da circunstância.

Antes realizou-se a belíssima cerimónia da bênção e procissão das velas.



Amélia Vieira da Costa Terra

Agradecimento

Suas filhas, genros, netos e bisnetos, vêm agradecer por este meio, a todas as pessoas que assistiram ao funeral, ou que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar.

Prof.^a Maria Albertina Vieira Almeida Amândio
 Prof.^a Maria da Piedade Vieira Almeida Rebelo
 Dr. José Bernardino Amândio
 José António das Dores Rebelo
 Dr. João José Vieira Amândio
 Prof.^a Fernanda Manuela Vieira Amândio Guerra
 Aspirante Jorge Manuel Vieira Amândio
 Maria Albertina Vieira Amândio
 Prof.^a Maria Lúcia Ferreira Amândio
 Jorge Manuel Seco Lopes Guerra
 Maria Leonor Vieira Rebelo
 José Carlos Vieira Rebelo
 João Paulo Vieira Rebelo
 Pedro Miguel Amândio Lopes Guerra
 Irina Maria Ferreira Amândio

Esposende, 31 de Janeiro de 1977.

O Senhor Acaso e a Senhora Surpresa, não têm culpa nenhuma

A situação no nosso país, está cada vez mais alarmante, ameaçando-nos com um trágico futuro.

Está a tornar-se insuportável o custo de vida, dia a dia aumentado substancialmente.

Os encargos — despesas obrigatórias — sobem astronomicamente, enquanto os proventos descem até ao abismo! A desorganização é quase completa!

Como controlar a vida de cada um e estabelecer o equilíbrio orçamental? As causas estão à vista e não é o Sr. Acaso nem a Sr. Surpresa, os culpados, até porque em nada contribuíram para tão caótica situação.

Então a que atribuir o depauperamento duma Nação, pequena sim, mas com condições suficientes de vida, capazes e satisfatórias, quando bem dirigidas e economicamente orientadas?

Apreciemos os efeitos nefastos e arripantes da «Descolonização do Ultramar», que tornou o país muito mais pequeno e os portugueses, mais miseráveis.

Vejamos o calvário dos «retornados» e o elevado número de portugueses mortos, porque não tiveram sequer tempo para fugir, uns e outros perdendo os seus valores, aquilo que, com tanto sacrifício, conseguiram angariar com o trabalho esforçado e difícil!

Examinemos os efeitos das chamadas liberdades, com que os «profetas e salvadores», brindaram alguns sectores do povo, descomandando-o e arrastando-o para a libertagem!!

Notemos os reflexos dessas «liberdades», tanto na acção dos sindicatos como na vida das empresas, que são muito significativos, factos reconhecidos até pelo Senhor Presidente da República, que disse a um dirigente sindical dos

Pescadores do Algarve: «OS SINDICATOS DEVEM SER FORTES E DEFENDER OS INTERESSES DOS TRABALHADORES, MAS HÁ NECESSIDADE DE CONCILIAR ESSES INTERESSES COM OS DO PAÍS!!»

Sendo assim reconhecido, porque não se obriga ao cumprimento dos deveres de cada um, acabando com as sistemáticas e descabidas reivindicações, com o absentismo, a indisciplina no trabalho, a desordem nas ruas e no trabalho, a importuna e prejudicial Reforma Agrária e com as nacionalizações?

É preciso trabalhar mais, todos o dizem mas ninguém manda cumprir. É preciso ordem, mas não se reprime a desordem.

Generalisaram a atribuição de culpas à entidade patronal, sem atender a que todo aquele que é atacado tem o direito legítimo da sua defesa.

Se é certo que, antes do 25 de Abril de 1974, havia patrões egoístas, autoritários e, até, desumanos, também é certo que muitos outros tratavam os empregados com humanidade e gratidão, com-

pensando-os voluntariamente, pela sua dedicação e esforço em prol da empresa que lhe dava a vida a ganhar. Uns e outros não são poupados agora ao labéu de «fascistas e, burgueses, tiranos, etc., etc.». Propositadamente não se repara que havia também, naqueles tempos, operários correctos, dedicados e declaradamente trabalhadores, mas também já havia daqueles, a quem tudo interessa o que seja para receber, mas trabalhar, quanto menos melhor! Entretanto, são agora uns e outros, umas «vítimas» da entidade patronal!!!

Aqui é que está o busillis da grande desorganização industrial e comercial, com os reflexos de miséria a que estão votados, e quanto a nós, foi este o princípio do fim que se avizinha.

Por todas estas considerações, não é o Senhor Acaso nem a Senhora Surpresa, os culpados. Os únicos culpados são aqueles que semearam ventos e não querem colher tempestades.

«VIAGEIRO»

LAVOURA DO NORTE QUER PAGAMENTOS DE SUBSÍDIOS EM ATRASO DESDE 1975

(Continuação da 1.ª pág.)

as vias de acesso, caminhos rurais, abastecimento de água e energia eléctrica, e no caso da região de Basto, remodelar a rede por forma a que a mesma tenha a potência adequada.

11 — Pagamento à lavoura dos subsídios em atraso da colheita de 1975 do milho e da batata.

12 — Promover a criação de Co-

operativas Agrícolas Polivalentes, com delegações nas principais freguesias.

13 — Essas Cooperativas deveriam ter uma secção de Crédito Agrícola fácil, com a incorporação das Caixas de Crédito Agrícolas, e estudo da mutualidade sobretudo no sector pecuário.

14 — Equiparação dos rurais a todos os beneficiários do esquema geral da Previdência».

CONTRASTES

(Continuação da 5.ª pág.)

Preferências pela liberdade ...

O poeta da Alemanha Oriental, Bern Jentzsch, de 36 anos, enviou uma carta ao Presidente da República, a denunciar a perseguição aos escritores não comunistas.

Como uma tal atitude colide com a «democracia» comunista, o poeta decidiu fixar-se no Ocidente.

Preferência pelo «capital», apesar de pró-comunista

João Goulart, ex-presidente do Brasil, morreu.

Sendo pró-comunista, se não fosse mesmo comunista, desapropriava as terras dos outros, e aumentava as dele. Assim deixou duas fazendas: uma com nove mil hectares e outra com mil e duzentos hectares.

Na Argentina, onde morreu, tinha uma fazenda com dois mil hectares.

Não se diz que, entre nós, alguns comunistas ou filo-comunistas puseram o dinheiro em segurança, no estrangeiro?

Em nome da «liberdade» comunista

Duzentas e setenta pessoas da Checoslováquia assinaram um documento no qual exigem o restabelecimento de liberdades democráticas e o respeito aos direitos humanos. Os signatários são advogados, professores, escritores, artistas e políticos, perseguidos depois da queda de Dubcek, quando da «Primavera de Praga» em 1968.

Os dirigentes políticos de Praga, como não podem responder às acusações feitas, chamam aos signatários «políticos fracassados, intelectuais desconhecidos e renegados».

O «Rude Pravo», órgão do Partido Comunista checo, escreveu a propósito, por sinal a despropósito:

«Procura-se fazer crer que na Tchecoslováquia existe uma oposição organizada, enganando os ingénuos, como em 1968. Até onde quer chegar esta gente? Qual o seu objectivo, deixando-se guiar pela ambição e pelo ódio anticomunista, permitindo que a propaganda burguesa explore sua qualidade de ex-membros do PC para transformá-los em representantes de «oposição socialista». Mas todos devem lembrar-se: quem quer que

seja que procure levantar obstáculos à marcha do povo tcheco em direcção ao socialismo, violando as leis, terá que enfrentar as consequências de seus actos.»

(Continuação da 5.ª pág.)

que nada abonam a favor dos responsáveis?

Um deles até podia ser: «Quem não sabe está calado».

A barafunda das carnes ou legislar no ar ...

Primeiro facto: o lavrador não está interessado em aumentar a criação de bovídeos para o talho. Porquê? O lucro é mínimo. Trabalha para os outros

Em consequência disso — e é o segundo facto: o público não encontra carne nos talhos.

Que faz o governo?

Terceiro facto: em Nov./76, na melhor das teorias marxistas, entrega à Junta Nacional de Produtos Pecuários o exclusivo da compra e venda da carne. Acabar-se-ia,

São três pequenas observações...

(Continuação da 1.ª pág.)

uma faceta que não é bem nossa: a perseguição e as denúncias.

Em Colónia, num banco, disseram a um português que desejava trocar três mil escudos, e não o conseguiu, que Portugal era um «manicóquio de loucos à solta». Isto há quatro meses.

De facto os acontecimentos nacionais têm revelado certa inconsciência e irresponsabilidade perante os graves problemas de salvação nacional. Não diremos, pois, que a «doçura» do nosso carácter tenha desaparecido. Dizemos, sim, que a inconsciência e a irresponsabilidade ainda não permitiram que ela surgisse, com o bom senso colectivo, para o sacrifício de que é capaz a favor da Pátria e do semelhante.

Esta loucura, porém, só terminará, ou quando todos os responsáveis falarem e viverem uma linguagem séria, sensata e patriótica, com que o povo se encorajé, ou quando a tragédia nacional se tornar presente, seja por que meio for, a todos os portugueses.

Foi, talvez a inconsciência e a irresponsabilidade que levaram Mons. Ancel a duvidar das reacções do povo português, dúvida que substituiu pela esperança.

De facto o povo português, sempre que tem de se pronunciar com responsabilidade, fá-lo com senso e com dignidade. O povo, em quem a «doçura» de carácter é uma virtude sobejamente manifestada. Para lhe roubar esta característica surgiram as campanhas de dinamização comunista, as prisões injustificadas, as ameaças impensadas, e as tentativas partidárias de violência.

O povo não perdeu a «doçura» dos seus sentimentos, mas também é verdade que não se tem manifestado com a coragem que a mesma doçura lhe impõe.

Não se trata de traição, pois que nas urnas disse a quem de direito o que queria. Trata-se de falta de persistência, que a abstenção nas eleições para as Autarquias locais veio consagrar.

Trata-se da falta de acção colectiva para obrigar o Governo a tomar decisões, sem ser violentamente manifestada, e que dá às minorias o comando das empresas, dos escritórios, etc.

A «doçura» de temperamento dá a certos cavaleiros a covardia intencional para evitar a luta democrática, à espera de que outros lhes levem, de bandeja, os meios para os seus triunfos; a outros aconselha-os a não se incomodarem com os problemas; a muitos tranquiliza-os na impreparação intelectual e no marasmo para a arrancada democrática no dia a dia de todos nós.

Parece, pois, que a «doçura» do povo português se assemelha à atitude dos políticos da Europa Ocidental, que só avançam na organização da realidade política, quando a Rússia os ameaça.

É, pois, uma «doçura» politicamente comprometedora e perigosa.

Há que manter a «doçura» de maneiras, e há que avivar o espírito de luta e o temperamento combativo.

J. N.

Notícias breves

assim, com o intermediário. O fascista ...

Que sucedeu?

Quarto facto: a carne faltou quase em absoluto nas zonas citadinas subpovoadas e vendeu-se normalmente nas zonas agrárias, mínimas, onde os talhos podiam adquiri-la directamente ao lavrador.

Em Janeiro/77, a Secretaria responsável deu-se conta de que tinha legislado para o ar. Guiara-se por teorias marxistas, centralizando na JNPP o impossível. É que faltavam talhos, frigoríficos, pessoal administrativo ... Claro que tudo isto abunda na Rússia e é o mesmo que aqui: a carne falta ...

Atribuindo a crise à falta de infra-estruturas, a dita Secretaria reviu a legislação, dando o dito por não dito: os talhos abastecer-se-iam de novo livremente nos lavradores, salvo em zonas mí-

nimas, nas cidades mais povoadas, onde seria a Junta Nacional dos Produtos Pecuários quem tomaria a si o encargo de fornecer os talhos.

Coisa parecida acontece com a carne congelada, a que não nos referiremos pois o fenómeno é igual.

Conclusão. Deixem-se de miopias, homens. Vão à América do Norte ou ao ocidente, onde o maldito capitalismo consegue resolver esses e outros problemas a contento do público.

Estou a ouvir uma emigrante, em Agosto, para os lados do Alto Minho: «Em França, a gente sai com 100\$00 e traz coisas para casa. Aqui, sai com eles e volta de mãos a abanar» ...

Mas que querem? O capitalismo é ... fascismo ... e é melhor passar fome ou privações a sacrificar os princípios ...

Família de «O Cávado»

Tiveram a bondade de mandar pagar a assinatura 77, entre outros, (omitimos os que nos parece não desejarem que o nome lhes seja publicado) entre outros, D. Helena Augusta de Sousa Machado, Ermindo de Araújo Simões, Manuel Afonso Machado (assinante novo e que já pagou), Dr. Vitorino Dinis, Francisco Gonçalves, Joaquim Ferreira, D. Maria Arminda, Dr. Silva Pinto, Dr. José Alberto Vaz de Carvalho, Casa Dias, José Pinho Beato, Mário Pires Ferreira dos Santos, Damião de Jesus Martins,

Prof. Rafael Soeiro, Eng.º Fernando Teles, António Urbano de Moraes, Dr. Constantino Sepúlveda, D. Maria das Dores Mesquita Mourão (até 31-8-77). O sr. Ângelo M. Ferreira Fernandes enviou-nos dois assinantes, os snrs. Manuel Martins da Costa e Vitorino Maria Lima Cunha, com a assinatura de 77 paga, de ambos.

Recebemos, também, de dois amigos os novos assinantes, snrs. António Joaquim Monteiro e Mário Fernandes Ribeiro.

Bem hajam.

Lembramos aos nossos amigos em atraso que não deixem vir os recibos sem pagar.

Finalmente, lembramos outro grande favor e que nada custa, até porque não envolve qualquer compromisso: o de nos indicarem nomes de possíveis assinantes, a quem mandaremos o jornal à experiência.

Transcrições

Transcreveram locais de O Cávado os nossos colegas Comércio da Gala e Jornal da Bairrada.

Gratos pela atenção.

Problemas de agora

Mais estações de CTT em Braga

A ideia está em marcha. De há muito. Há anos. E, no entanto, nem a passo de caranguejo... A coisa não anda.

O facto é este: a caminho dos 100.000 habitantes, Braga tem absoluta necessidade de mais estações de correios. Nos extremos, por exemplo, em Maximinos e em S. Vitor.

Como tem necessidade de outro mercado.

Os CTT acham que é assim mesmo e andam a estudar o caso, há anos. Só que se não sai da cepa torta.

Que se passa? O que é que há?

Fronteiras encerradas: miopia pura...

Encerrada a da Portela do Homem. Aberta vez em vez, de longe a longe...

Agora, após encontro de autoridades de Terras do Bouro e Lobios, parece ter sido posta de novo a ideia de a abrir em Abril próximo futuro.

É miopia pura isso de encerrar fronteiras entre nações irmãs. As

populações da fronteira vegetam. Não há comércio. Nem turismo. Nem vida.

Orense, a dois passos, fica a distância maior do que Vigo, dado que é preciso torneir a fronteira por S. Gregório.

Lindoso não deve reabrir, pois ficará inundada com a nova represa. A que título obrigar o distrito de Braga mal-lo o Porto a desviar-se por Valença ou S. Gregório?

Ligação fácil Arcos—Braga

Está em projecto, desde há muitos anos, uma estrada nacional que ligue Arcos e Melgaço. Do lado dos Arcos, já vai a Sisteio. De Melgaço, vem até Lamas. No intervalo, a estrada florestal Arcos-Lamas, mas carecendo de reparações entre S. Bento do Cando e Lamas.

Tais obras vão agora efectuar-se. O mesmo acontecerá em relação à estrada que sai de Castro Laboreiro para a povoação fronteiriça, o Ribeiro.

Uma vez reparada, será fácil ir a Orense directamente, uma vez ligada à estrada que daquela cidade vem até à fronteira com o Ribeiro.

Ao fechar da página

A complicada política italiana

A Democracia-Cristã lá vai remando sem grande entusiasmo, até porque foi o convénio com o Partido Comunista—este não votaria contra a Democracia-Cristã—que permitiu a formação do Governo minoritário.

Nota curiosa é esta: o Partido Comunista apoia as medidas de austeridade, lançadas pelo Governo.

Atente-se nesta atitude e na atitude do Partido Comunista Português.

O compromisso do Partido Comunista em relação ao Governo é este: abstenção disciplinada do partido de Berlinguer em face de qualquer iniciativa parlamentar que afecte a estabilidade do Governo.

Esta situação, que favorece o Governo, pode não favorecer o próprio Partido Comunista, que faz tudo para participar efectivamente no Governo.

O Partido Comunista acusa, já, uma tríplice corrente face à atitude que tomou. As três correntes são chefiadas respectivamente por Berlinguer, Luigi Longo, e Giorgio Amendola.

O primeiro acha que a posição tomada face ao Governo de Andreotti favorece o prestígio do Partido e ajuda à conquista do poder.

Luigi Longo, que é o Presidente do Partido Comunista Italiano, expressando, ao que parece, o sentir das bases do partido, deplora que «a prudência, o sentido das responsabilidades» dos comunistas não tenham levado a uma «acção coordenada das massas». E ao apreciar a atitude presente do Partido Comunista, considera que «o balanço é bem negativo». E acrescenta: «A medida de nossa sensibilidade e de nossas responsabilidades nacionais está dada pela capacidade de ser o que temos sido e somos, isto é, de exaltar e não alterar a nossa imagem de comunistas».

Giorgio Amendola, por seu lado, coloca-se mais próximo de Berlinguer, mas ultrapassa-o, visto que, embora aprove as medidas de austeridade do governo, quer-nas ainda mais austeras. Segundo Amendola, o Partido Comunista Italiano devia tomar estas decisões:

1. Junto do Governo, «medidas mais graves» do que as existentes;
2. Junto dos sindicatos, a «avaliação do perigo inflacionista» mais profunda do que a que se está a realizar.

Para Amendola, a luta contra a inflação deve ter prioridade sobre as demais, incluindo, até, decisões impopulares.

De notar que o Partido Comunista Italiano já advertira que a luta contra a inflação representa sacrifícios para todos, inclusivamente da classe operária.

Havia, no entanto, acrescentado que para tais sacrifícios se exigirem, a classe operária teria de participar na realização de um plano de recuperação.

Em face destas três correntes, certos políticos interrogam-se sobre o presente e o futuro do Partido Comunista Italiano.

Berlinguer saiu ao encontro das especulações políticas, e disse que se manifestam na base do Partido «Inquietações e descontentamento», com o que respondeu a Longo.

Quanto a Amendola, Berlinguer afirmou: «Ninguém nega que a inflação é o perigo mais ameaçador e o mais premente actualmente em Itália». E acrescentou que a inflação é uma ameaça para as categorias sociais mais débeis, para as «instituições democráticas» e para a própria independência do País.

Entende, porém, que a inflação não se combate com as «leis espontâneas que regem a sociedade capitalista».

De facto a Itália economicamente utiliza o sistema capitalista.

Que medidas queriam tomar que não fossem «capitalistas» num país cujo sistema é esse?

Queriam, como os homens do «25 de Abril» destruir o capital, quebrar a máquina existente, e substituí-la pela comunista ou socialista?

A primeira não teria entrada, para já, a segunda não tem força nem linha de conduta.

Parece, pois, que o próprio Partido Comunista Italiano quer evitar o ódio popular resultante de uma tal atitude—abrir uma crise que teria contra ela a Comunidade Económica Europeia—e cujos efeitos económicos seriam a destruição da economia existente enquadrada nas exigências do Mercado Comum a que a Itália pertence.

Além disto, lutar sem possibilidades reais de vencer a crise é provocar o desprestígio do próprio Partido, que de forma alguma interessa ao Partido Comunista Italiano.

Berlinguer que propôs o «compromisso histórico» e não alcançou, julga que a colaboração pela abstenção, que garante a estabilidade do Governo, lhe traz algumas vantagens: sentido de respeito à democracia, capacidade de diálogo, desejo de bem servir a Pátria. Convém não esquecer que o Partido Comunista Italiano, desde o Fundador, Togliatti, defende uma actuação política mais voltada para a Itália do que para Moscovo.

Não admira, pois, que tenha destas atitudes para com a Democracia-Cristã, na esperança de que o facto de evitar as crises políticas governamentais, traga ao Partido Comunista mais votos...

JÚLIO VAZ

Pela Imprensa

Família de Carvalhelhos

Com excelente apresentação gráfica, texto variado e rico de interesse, apareceu o 1.º número deste mensário, que se propõe «uma troca de impressões, ideias, conhecimentos e informações, que

tornarão mais estreitos os laços que unem todos os seus membros» da família de Carvalhelhos.

Para quem conhece de perto o desejo — e a teima — de fazer daquela organização tentacular uma autêntica família, fica com a certeza de que os propósitos enunciados não serão palavras mas actos em marcha.

O mensário é útil para todos,

em virtude das secções que apresenta: Consultório jurídico, Para a mulher, Correio dos Familiares, Presença dos mais pequeninos, Comercialização dos produtos alimentares, Passa-tempo e Actualidades.

Como o leitor vê, é uma espécie de magazine, que a todos interessa e não só à Família de Carvalhelhos.

À espera do resto...

Um pequeno proprietário rural procurou-nos para nos informar do seguinte: levou o milho à Federação, no ano passado.

Pagaram-lhe parte, e anunciaram-lhe que brevemente pagariam o resto.

Já se fez nova colheita e ainda espera...

Como ele, disse, todos os seus colegas rurais...

Para quando as contas em dia com os que trabalham a sério?

O Cávado

Director:
Eng.º Armando António Correia

Proprietário:
Dr. José Bernardino Amândio

Coordenador:
Dr. Carlos Nuno Salgado Vaz

Redacção e Administração: Rua dos Chãos, 90-2.º Trás — Telef. 25284/27065/27066 (p. f.) — BRAGA

Composto e impresso na Livraria Editora Pax — Rua do Souto, 75 — BRAGA